

O Fangueiro

POLA LEY E POLA GREY
QUINZENÁRIO REGIONALISTA

Director: ANTÓNIO CARLOS ESTEVES

Editor: C. HIPÓLITO REIS

Administrador: ARMANDO SARAIVA

Proprietários: António Carlos Esteves, C. Hipólito Reis, Armando Saraiva e Albino Pedrosa Campos

Redacção e Administração: Rua Azevedo Coutinho
F Æ O

Composição e Impressão: Tipografia «Vitória»
BARCELOS — Telefone 8428

TEMAS ACTUAIS

DÉSELEGÂNCIAS

POR ANTÓNIO FÉLIX DA CRUZ

As boas maneiras e a elegância de atitudes deixaram de preocupar o maior número, tendo perdido todo o significado; até para muitos a quem competia zelar para que o nome honrado, herdado de seus antepassados, não fosse maculado por estranhas concepções do que sejam as relações sociais e dos deveres e direitos que a cada um pertencem, sem que da sua usufruição advenham mal-entendidos, a fomentar estados de espírito, fora da ética que deve presidir à verdadeira vida em sociedade, das pessoas que prezam ser consideradas bem educadas.

A falta de correcção, nomeadamente no aspecto moral—a de maior importância e mais preocupante na época actual—é consequência de variados factores, sobressaindo, no entanto, as deficiências educacionais, a arrostarem para essa série quase infundável de choques e beliscaduras, envenenadores das boas relações entre os homens, e fortemente desagradáveis para os possuidores do verdadeiro conceito de dignidade, cada vez mais esquecido e posto fora de moda.

Há, por consequência, uma forte corrente a arrastar os homens para os piores caminhos, a lançá-los no torvelinho das paixões mais desenfreadas, a alterar princípios e ditames cuja existência é penhor seguro de que a dignidade e a honra são bens inestimáveis, a salvaguardar, para que a vida de todos os dias seja uma sucessão de actos simples, sérios e limpos, e não um amontoado de torpezas, deslealdades e crapulices. Para vencer tão grandes forças do mal, para lhes pôr um forte dique, há que mobilizar poderosos meios, que nem sempre é possível estruturar convenientemente, em vista de condicionalismos, sempre prontos a proteger o que de pior se alberga na alma humana.

Liberto dos freios morais e educacionais em que se apoiava; perdidos os trilhos da verdade e do pundonor—o indivíduo desencontra-se de si mesmo; vive segundo um esquema de ideias primitivas e primárias, próximas da animalidade, e deixa-se possuir por todo aquele desenfreado amor à irresponsabilidade, que é a negação perfeita do homem de honra, do homem incapaz de a troca de facilidades de qualquer ordem, cometer a injúria da mais insignificante deselegância.

A elegância de maneiras amarrava os indivíduos ao cumprimento da palavra dada e fazia da lealdade o mais belo dos troféus que se podiam exhibir. Daí cultivarem-se esmeradamente essas virtudes, pois não as possuir equivalia a uma inferioridade culposa, a que não havia ninguém que não desejasse eximir-se.

Desenvolvia-se, assim, uma sociedade, não isenta de defeitos, claro está, mas onde, nos meios mais evoluídos no aspecto educacional, não eram possíveis certas grosserias, nem certas atitudes contrárias às regras de bom viver por que se devem pautar as relações entre os seres humanos.

Infelizmente, a regressão quanto às boas maneiras, na sociedade tida como mais instruída, tomou um aspecto tão evidente, que são já aquelas pessoas a quem as condições de vida pouco convidam a requintes, que se sentem chocadas com o que vêem a fazer aos que lhes devam servir de exemplo—de bom exemplo, claro está!

Há quem se julgue educado, lá porque faz muitos salamaleques, enche a boca com «Vossas Excelências» e beija a mão às senhoras, pondo ou não os olhos em alvo; mas, o pior—

(Continua na página 2)

Dois Aniversários

Meu António Carlos Esteves:

É do meu agrado vir, talvez um pouco fora de horas, felicitá-lo pela data aniversariante de «O Fangueiro».

Também conto mais um ano, pois em 13 (do andamento) deixei a casa dos 88!

Como verifica tenho repetido anosamente esta asneira, como graciosamente a capitulou o bondoso João de Deus, em certa data aniversariante de alguém...

Estou a reler um livro intitulado «Envelhece Sorridendo», para me iludir, pois a Vida, cheia de encruzi-

lhadas, é entretida de muitas ilusões! E dentro deste critério... vou pedindo ao Altíssimo para nunca morrer de véspera e sim no dia seguinte...

O Esteves não é de Fão e devota-se-lhe! Pode-se não concordar com tudo da sua lavra... Há-de ter, talvez, ouvido remoques, por não ser natural da terra. Uma espécie de nativismo. Mas o bom critério é apreciar as pessoas pelas boas qualidades e não ter o ar policial a criticar os pequenos defeitos, que mais ou menos possuímos todos.

Numa oportunidade, no Norte de S. Paulo, uns patrícios pediram-me para numa manifestação pública homenagear português de iniciativa e lembrei-me do

elogio que o Eça fez de um Homem, vincando «que ele seria aproveitado em qualquer parte culta e inteligente da terra!»

É um tanto o seu caso.

Sou barcelense, mas conforme Byron, quando em Fão me embebeço a apreciar o que na linda terra me encanta, abalanço-me a afirmar como ele, em dada feita, perante a sedução de uma beleza natural: «se ela não faz parte de mim e eu parte dela!»

Sou pela afeição meio fangueiro...

Que a gazeta viva muitos anos e eu a contá-los, na Graça do Senhor!...

28-4-59

A. Soucasaux

Comissão de Melhoramentos

Por A. SARAIVA

A ideia não é nossa. Já Carlos Mariz, por mais de uma vez, se referiu à necessidade deste agrupamento tendo, então, enumerado os resultantes serviços que viriam beneficiar a nossa terra.

Porém, não há muitos dias, pessoa amiga contou-nos pedaços da história da vila póvoa. Falou-nos de uma anterior Póvoa esquecida, pouco divulgada e de atenção ministerial demonstradamente negativa. Surgiu entretanto o ano de 1924. Na Póvoa existia ao tempo uma pléiade de homens bairristas, denodados trabalhadores com visão de longo alcance e espírito esclarecido. Organizaram-se. Movimentaram amizades, tomaram iniciativas vultuosas que deram brado em todos os cantos do País—caso das inolvidáveis Festas do Mar que tiveram a comparência de representantes de todos os jornais portugueses—efectuaram visitas insistentes e frutuosas a Lisboa, e dessa intensíssima propaganda, dessa canalização de vontades resultou uma Póvoa maior, divulgada de Norte a Sul, uma vila que não é cidade apenas por falta de disposição governamental que não por ausência de valor intrínseco.

Eu olho com tristeza a paisagem desoladora da minha terra; filhos dispersos, amigos mal tratados, fangueiros residentes que normalmente vivem dissociados.

Ora, francamente confesso, só depois de me contarem aquela arrancada dos

homens da Póvoa, eu avalei o alcance da preconizada comissão de melhoramentos.

Qual seria o seu fim primordial? Formar um corpo de acção. Temos entre os filhos fangueiros figuras ilustres que dispõem de capital e sobretudo de relações. Temos a ilustre colónia balnear que inumeráveis provas de carinho e amor tem revelado. Dispostos de provadas amizades e contamos ainda com certos arroubos de entusiasmo, exaltamentos eufóricos da gente fangueira—a que muitos chamam bairrismo mas que verdadeiramente não é—que podem no entanto serem encaminhados a bem de Fão. Com um programa de trabalhos bem definido, sempre com uma esclarecida visão a determinar iniciativas, quantos frutos adviriam sobre a nossa terra. E nesta hora existe um jornal que representa uma força, quicá a força mais eficiente para solucionar qualquer iniciativa, força que paradoxalmente é temida e odiada pelos «bairristas» mais «altos» de Fão.

Todos poderíamos trabalhar para o progresso da nossa terra.

C. Mariz enunciou esta fórmula de trabalho há já vários meses. Por nosso lado temos chamado a atenção dos fangueiros para determinados problemas. A paisagem de desolação persiste.

Valerá a pena continuar posteriormente a chamar a atenção de quem de direito? Há gente ou mortos em Fão?

«Villa nuncupata fano»

4. Águas Celenas no itinerário de Autonino

Pelo Coronel Zeferino Sequeira

DIZ-SE—e como «diz-se» anda escrito por uns, como verdade assente, por outros—que no tempo do domínio dos romanos na Península, havia, mais ou menos no local onde hoje se levanta o casario de Fão, uma cidade ou povoação importante chamada Águas Celenas que, depois, veio a desaparecer soterrada pelas areias.

Contudo, nenhum dos mais antigos escritores faz menção de tal cidade no referido local o que, mesmo na melhor das hipóteses, depõe contra a sua importância e grandeza. Apenas o «Itinerário de Autonino» alude a uma «A que Celenae» que existiria nas proximidades de Braga mas de uma forma tão vaga e imprecisa que não permite fixar conscienciosamente a sua localização.

Depois do «Itinerário», só passados séculos, pelos princípios do séc. XII volta a aparecer, numa obra de Julian Perez, uma referência, não a uma, mas a duas Águas Celenas das quais identifica uma com Fão.

Passam-se mais umas centenas d'anos de silêncio, e é então pelos séc. XVI-XVII que vários escritores fundando-se no «Itinerário» ou em Julian nos apresentam a cidade de Águas Celenas como antecessora, no tempo e no espaço de Fão.

Assim nasceu, parece, o «diz-se», a verdade assente, a lenda da cidade de Águas Celenas na foz do Cávado, cidade importante e porto marítimo de grande tráfego.

Baseando-se a lenda no «Itinerário de Autonino»—Julian Perez também o cita—vamos ver agora o que ele nos diz.

(Continua na página 4)

Crónica do Porto

O garoto dos pentes

Por ODETTE GAVINA

É uma figurinha típica da Avenida dos Aliados. O pequenino vendedor de pentes não tem mais de quatro anos, porém, no seu rostozinho trigueiro onde está impresso o selo impressionante do infortúnio, revela profundamente a prática obrigatória de «ganhar a vida»...

Comove, olhar o garoto. Sempre muito concentrado da venda que tão orgulhosamente exhibe numa caixa de cartão a desfazer-se, o minúsculo tórax erguido num gesto altivo desafiando os concorrentes mais velhos e sagazes, dois olhos pretos muito grandes a luzirem na carinha quase sempre suja, prende a atenção de quem passa e embora transmita uma certa graça, torna-se pateticamente lamentável! Muito ladino, o passinhos miúdos segue distanciado da mãe desgraçada que ternamente o vigia de olhar triste, e decide-se a puxar brandamente a saia duma senhora enquanto erguendo a cabeçita encaracolada, pede num queixume:

— Compa um pente, compa?

Claro, que assim tem sempre amável clientela!

Contente, depois, com a venda efectuada, recebe a moeda e, num precoce rasgo de admirável horandez, pergunta:

— Tem tóco, tem?

E retomando o caminho, o garotinho infeliz — mas feliz, à sua maneira... — abraçando carinhosamente a pequena e velha caixa de papelão onde bamboleiam umas dezenas de pentes de variegado colorido, vai apregoando avenida acima numa vozinha cantante:

— Compa um pente, compa?

Se alguém pára e pronto a adquirir um pente interroga: «Quanto custa?», o miúdo apruma-se e responde:

— Estes, é uma côa; e os mais gondes, um escudo!

O comprador sorri, e faz negócio.

Mas quem passar mais alheio aos seus íntimos problemas, acaba por pensar demoradamente naquele pequenito e comovente vendedor de pentes, sentindo quão negra é a necessidade dos infelizes que nasceram sob o signo da Miséria!

E pensa, talvez, na amargura constante daquelas criancinhas desnudas a quem a vida lhes nega, soberbamente, um bocadinho de amparo...

Confrange a alma, olhar-se o andrajoso garotinho que ao iniciar os primeiros passos, logo o Mundo maldoso lhe quis ensinar um doloroso estribilho:

— Compa um pente, compa?...

Transferências

Foi transferido da Direcção de Finanças do Distrito de Vila Real para a sua congénere do Distrito de Braga, o Sr. Carlos Barra de Campos Reis, nosso assinante e conterrâneo.

Festas das Cruzes em Fão

Como é tradicional realizou-se na nossa terra, com grande pompa, a Festa das Cruzes. No templo do Senhor Bom Jesus houve sermão pregado pelo conhecido orador sacro, Rev. P. Benjamim Salgado. No final realizou-se uma procissão com a milagrosa Imagem do Senhor de Fão.

NORMAS BUROCRÁTICAS

COMO o leitor deve ter visto na Imprensa, estão a ser instaladas comissões de funcionários, em cada Ministério, para o estudo da simplificação das normas burocráticas — que o Governo, e muito justamente, entendeu sofrerem de complicadas e onerosas exigências e dificuldades.

Pois no mesmo dia em que liamos nos jornais a constituição de uma dessas comissões, deparava-se-nos no «Diário do Governo» um Decreto-lei — o Decreto-lei n.º 42.225 de 18 de Abril último — autorizando o Ministério da Educação Nacional a assalariar um guarda para o Castelo de Guimarães!...

Sabia o leitor que para a nomeação (ou antes, assalariamento) de um simples guarda de museu, é necessário publicar um Decreto-lei — papel legal que teve de ser preparado por determinadas Repartições, elaborado e submetido à assinatura do Chefe de Estado e de todo o Governo (dezassete assinaturas) e publicado no «Diário do Governo» e será, como se se tratasse de assunto de alto interesse nacional, apresentado à Assembleia para referendo?

Ocorre perguntar: será lógico mandar simplificar as normas burocráticas dos vários departamentos da Administração Pública — e se não comece por actualizar, aligeirar, tornar mais prática e útil a organização

Operação

No Hospital Valentim Ribeiro, de Esposende, foi submetida a operação, a Senhora D. Maria Martins Palmeira, que decorreu satisfatoriamente.

Nascimentos

Em Mirandela, teve o seu bom sucesso, dando à luz uma robusta criança do sexo feminino, a dedicada esposa do nosso conterrâneo e amigo Sr. Carlos Mendanha Bacelar Cruz, Asp. a Of. Mil. Os nossos parabéns.

— Na África Ocidental Portuguesa, deu à luz uma menina a Sr.ª D. Rosália Alves Solinho. Mãe e filha encontram-se bem.

POSTAIS DE BARCELOS

UMA EXPOSIÇÃO DE ARTE INFANTIL

CORREU em Barcelos, alguns dias antes das Festas das Cruzes, que na Torre de Menagem, um grupo de Artistas barcelenses, faria um exposição de Fotografias artísticas. Porém, algum tempo depois, tudo se desvaneceu... e a exposição não se realizou. Houve um certo desgosto por isso.

No entanto, na mesma Torre de Menagem, esteve patente, durante os dias das Festas das Cruzes, uma graciosa exposição de pintura que bem manifestou o sentido artístico, embora ingénuo, das crianças que frequentam as Escolas Técnicas destes arredores.

Na verdade, ali se encontravam trabalhos de alunos de Viana do Castelo, Braga, Famalicão e Barcelos. A exposição de arte infantil impressionou os visitantes que, como nós, devem ter sentido uma surpreendente sensação de beleza perante aqueles trabalhos tão lindos, tão simples e tão reveladores... Um mundo de poesia para além daqueles traços... Era preciso possuir a pureza de sensibilidade e a simplicidade do olhar daqueles pequeninos expositores para sentir plenamente na alma o mundo enorme de beleza, de estesia e de sonho que se evolvem desses trabalhos tão encantadores.

Se há alguns trabalhos que nitidamente revelam a influência do Mestre, do Mestre que não se limitou, como devia, apenas a orientar, há outros que expressam toda a meninice simples e ingénua de quem os sonhou e realizou. Estes, sim, para nós, têm verdadeiro valor.

A arte é muito mais o que sugere, o que desentranha no nosso espírito do que, propriamente, o que plasma e concretiza. Nesses trabalhos há misticismo, altura, desejo... Nisto está, sem dúvida, o seu valor.

Esta exposição foi inaugurada com toda a solenidade. Autoridades, Professores, Jornalistas, Pessoas gradas ali estiveram a dar, com suas autorizadas presenças, entusiasmo aos Meninos expositores. O director da Escola desta cidade Sr. Dr. Vítor Manuel de Almeida, que ao ensino e educação vem dedicando todo o entusiasmo da sua alma jovem e bem formada, fez um discurso laudatório em que sublinhou, com muito acerto, o valor dos pequenos-artistas e o trabalho carinhoso de seus Mestres. Aqui deixamos, também, os nossos parabéns a quem os merece — pequenos artistas das Escolas Técnicas e Mestres Artistas que educam e orientam.

NOTAS PESSOAIS

Cumprimentamos nesta cidade, por ocasião das Festas das Cruzes, os nossos prezados amigos, Srs. Doutor Nunes de Oliveira, Professor da Universidade do Porto e Engenheiro Mário Pinho de Azevedo.

— No Campo da Feira ainda se encontram alguns dos divertimentos que animaram as Festas. Entre eles manteve-se durante alguns dias o Circo Royal, que foi muito apreciado.

— Realizou-se na Capela de S. José a festa

de S. José Operário, sendo pregador o Reverendo Abade de Barcelinhos.

— Está de luto pelo falecimento de sua querida Mãe o nosso prezado amigo e sócio da Tipografia Vitória Snr. Rogério da Costa.

— Está a realizar-se, com muita frequência de fiéis, nas Igrejas desta cidade, a piedosa devoção do Mês de Maria.

— Causou regosijo nesta cidade o facto de em Braga ter tomado posse a nova Comissão Distrital da União Nacional.

C.

DESELEGÂNCIA

(Continuação da página 1)

o pior é o resto!... O pior é quando lhes dá para insultar quem os serve, usando linguagem obscena; o pior é quando não se respeita devidamente a rapariguinha ainda inexperiente, que se tem a praticar no escritório, e que serve para a graça pesada, mas não serve senão para receber ordenado muito leve.

E haveria tantas mais coisas a acrescentar, que o jornal inteiro talvez não as comportasse!

E que dizer, então, daqueles senhores, que empunham a pena para insultar, agredir mesmo, quem sabem, perfeitamente, que por circunstâncias várias, não lhes podem responder à letra?!

É uma deselegância tão grande, que não encontramos palavras capazes de traduzirem, em toda a sua crueza, o nojo e a revolta que nos causa seme-

estual vigente segundo a qual, o assalariamento de um tão modesto funcionário exige um Decreto-lei, com tantas formalidades, tanto expediente, e tanto tempo roubado a ministros e altos funcionários?...

lhante procedimento. Só o achamos comparável à agressão contra um indivíduo, que se amarrar de pés e mãos.

Mas atitudes destas, são o pão nosso de cada dia, nas horas difíceis que a Humanidade atravessa.

Neste capítulo, perdeu-se por completo a vergonha! Voltou a imperar a lei da selva; pois só assim se compreende, sem no entanto se justificar, o procedimento de certa gente — que não passa afinal de gentilha — em relação àqueles que não são do seu agrado.

Tomam-se atitudes, de tal modo estranhas, que muitas vezes chegamos a convencer-nos de estar em frente de monstros e não de seres feitos à imagem e semelhança do Criador.

Pôr um dique ao descalabro a que chegaram as relações entre os homens, procurando todos, sem excepção, cultivar as boas maneiras e o respeito pela dignidade alheia, é dever que se impõe às consciências, e o único caminho capaz de conduzir à paz, de que a Humanidade tanto necessita, para se tornar mais feliz. Trabalhem, pois, afincadamente, para que as deselegâncias e os deselegantes tenham em breve os seus dias contados.

(De O Debate)

Manuel Afonso Novo

A seu pedido, foi colocado na Secção de Finanças do nosso concelho, o nosso sócio correspondente em Fonteboa, Sr. Manuel Afonso Novo, que exercia em Barcelos as suas funções.

Dado o conhecido amor que nutre pela sua terra, Fonteboa, é de esperar que esta aproximação contribua para um mais assíduo auxílio aos anseios do seu torrão natal. Desejamos ao bom amigo as mais prósperas felicidades na sua carreira.

DESPORTO

No passado dia 27 o Fão F. C. deslocou-se a Gondomar para defrontar um grupo local em jogo de retribuição.

O nosso onze que jogou com geral agrado derrotou o seu antagonista por 4-1. Resultado certo a premiar a melhor equipa em campo.

*

Hoje visita-nos um forte agrupamento de Vila Nova de Gaia.

A Santos

VARANDA DA PÓVOA DE VARZIM

Cartazes das Festas

O assunto tem sido várias vezes ventilado na Imprensa local, focando o mau gosto que tem presidido à confecção dos cartazes das festas de verão. Juntando àqueles protestos o nosso, ousamos alvitrar uma maneira prática e económica de talvez se conseguir cartazes sugestivos e que mereçam elogios. Com um pouco de boa vontade é possível que assim possamos ter, de futuro, reclames vistosos das nossas principais Festas de Verão. Para tal, temos uma Escola Industrial e Comercial com grande frequência, e que

nas suas exposições de desenho apresentam sempre motivos de muito interesse. Motivo forte que justifica um concurso entre os estudantes daquele estabelecimento, aproveitando-se, depois, os que se coadunarem melhor com as nossas Festas.

Éis um alvitre que salvo erro ainda não foi focado e que, estamos certos, despertaria grande entusiasmo entre os estudantes.

A póvoa de Varzim muito lucraria com esta iniciativa, que teria certamente o melhor acolhimento do seu director, Snr. Doutor José Sá.

APONTAMENTOS

Do Brasil, chegaram a esta vila, os Snrs. Júlio Abreu Gomes, comendador Francisco Lima Amorim e José da Silveira Campos; de Moçambique, o Snr. António Gonçalves Marques.

— Um grupo de dedicados amigos dos bombeiros, ofereceu àquela humanitária associação um aparelho de televisão.

— Por doença, esteve retida no leito, a esposa do Senhor Dr. Nunes Guerreiro, notário nesta vila; no Hospital, foi submetido a uma operação o Snr. Dr. Luís Filipe Pinto da Fonseca, antigo chefe da secretaria notarial, em Barcelos.

— Depois de importantes obras, reabriu o Café Recife, propriedade do Snr. Leonel

Macedo, que ficou a ser o mais moderno desta praia.

— Tomou posse de chefe da secretaria da Câmara Municipal, o Snr. Dr. Alcides Marques Pereira de Aragão, que prestou serviço no Governo Civil de Viana do Castelo.

— Na noite do dia 1 do corrente, foi atropelado mortalmente por uma caminheta, na freguesia de Balazar, o agulheiro de 1.ª classe da C. P., João Ferreira da Costa, de 54 anos, viúvo, residente no lugar de Carreiro, Macieira de Rates, Barcelos.

— A convite da secção cultural do Clube Desportivo da Póvoa, realizou um sarau no Teatro Garrett o Orfeão Universitário do Porto, sob a regência do maestro Afonso Valentim.

Na Câmara Municipal efectuou-se uma recepção, tendo

dado as boas-vindas o presidente da edilidade, Snr. Major António da Mota.

O Snr. Dr. Enio Ramalho, professor do Liceu desta vila, fez a apresentação do Orfeão ao público poveiro, que enchia aquela vasta sala de espectáculos. Foi madrinha do Orfeão a menina Emília Maria Mendes de Amorim e damas de honor as gentis meninas Maria de Lourdes Castilho de Abreu e Maria da Graça Pereira Flores.

— Na Ordem do Carmo, no Porto, foi operada a professora senhora D. Lucinda Amélia Guerra Rodrigo, dedicada esposa do nosso particular amigo Snr. prof. António Rodrigo.

O *Fangueiro*, deseja o pronto restabelecimento da ilustre senhora.

C.

Couto da Apúlia

A Geografia de Barros, de 1549, fala em 18 coutos de Braga, tendo o Arcebispo a jurisdição civil e crime, sem apelação (para a Coroa), e na cidade todo o civil, também sem apelação, mas com ela o crime. Em 1811 se contam apenas 11 coutos de Braga, incluindo o da Apúlia, que não menciona a Geografia de 1549.

Braga foi só coutada pelo Conde D. Henrique, em 1112. Com os direitos reais em 1128, por D. Afonso Henriques, que lhe fez doação do senhorio temporal da cidade.

Em 1128, o mesmo D. Afonso faz, ao Arcebispo D. Paio e seus sucessores, doação dos coutos de Lapela (Penso, com todas as terras até o Cávado), Arentim, Cunha, Castelo de Arentim, e metade de Adáffe de Panóias (Vila Real). Mas não figura, ainda e aqui, o couto da Apúlia.

*

Em 1762, *Pulha* aparece como couto, na ouvidoria de Braga. Em 1811, Apúlia, como couto na comarca de Braga, com juiz ordinário, sendo donatário o Arcebispo.

Em 1832, aparece já como concelho na comarca de Barcelos. Em 1835, concelho do

distrito de Braga, com 268 fogos; depois, ainda no mesmo ano, concelho no julgado de Barcelos.

— Com o decreto de 13 de Agosto de 1832, que acabou com os forais, desapareceu o couto da Apúlia, ficando em concelho até à grande reforma administrativa de 1836, que acabou com os pequenos concelhos; assim, em 1842 lá temos a freguesia da Apúlia no concelho de Esposende, com 256 fogos.

Desapareceu o couto e, logo a seguir, o concelho. A freguesia deve ter hoje mais do dobro de fogos.

— A carta de lei de 22 de Junho de 1846, esclarecendo o decreto de 1832, da extinção dos forais, claramente dissera, no seu artigo 16.º, que ficaram revogadas as doações régias, de senhorios de terras, honras, coutos, etc.

Acabara o couto da Apúlia, do Arcebispado de Braga, e a Casa de Bragança ficara apenas com os seus bens próprios ou patrimoniais.

O condado barcelense conseguiu englobar, no termo de Barcelos — outrora freguesia e povoação do Julgado ou Terra Castelã de Neiva — os jul-

Livraria MINERVA

Rua 5 de Outubro, 15

— Telefone 333 —

PÓVOA DE VARZIM

Livraria-Papelaria-Artigos Religiosos-Material Escolar

A mais recente e atraente Livraria da Póvoa.

Descontos aos Snrs. Professores

Visado pela Censura

gados de Neiva, Aguiar-de-Neiva, Penafiel-de-Bastuço, Vermulm e Faria, ficando com um dilatado termo civil e administrativo.

Esposende, por oposição de Barcelos, não teve foral manuelino; só o teve de D. Sebastião.

Vila-do-Conde passara a este condado pelos herdeiros da célebre D. Maria Pais Ribeiro, a *Riberinha*; assim como passaram Rates e Esposende. Famalicao apenas conseguiu a sua independência e concelho na reforma liberal. Só a Póvoa-de-Varzim, com foral-jurisdicção de D. Diniz, se mantivera na comarca e provedoria do Porto, sendo donatária a Coroa.

B. L.

PREITO

À memória de meu chorado irmão
ARTUR GOMES DE CASTRO

Partiste para sempre, meu irmão,
Meu santo e doce amigo,
Para a mansão da luz
De eterna claridade...
Não mais o teu olhar,
Tão cheio de bondade,
Virá dulcificar a minha cruz!
Eras um homem bom, honesto e crente,
Passaste a vida inteira a trabalhar.
Hoje, junto de Deus omnipotente,
Podes serenamente repousar.
Descansa em paz, irmão, descansa em paz
No céu que bem mereceste e que ganhaste.
Viverá sempre em nosso coração
A Saudade sem par que nos deixaste!...

26-1-959

Bernadette de Castro Faria

FUGA D. Calino Português

CAMINHO ao longo da estrada deserta, o mais rapidamente que me é possível. Sempre o faço, quando quero fugir de mim, ou esquecer algum tormento íntimo.

Sei, que por mais depressa que eu caminhe, ainda que corra, esse tormento acompanhar-me-á, porque vive dentro de mim.

Embora saiba por demais isso, abandono a lógica, não me interrogo, e caminho sempre. Chego ao fim da estrada, cansada, mas sempre atormentada.

Um dia, naquela aldeiazita, caminhava eu pela estrada — que era também a rua principal —, com o mesmo desejo. Caminhando sempre, vislumbrei lá longe, o velho moinho e o seu velho dono, sentado à porta, numa velha roda sem préstimo. Parei, e o cordeal cumprimento que me foi dirigido, confortou-me. Sentei-me de frente do bom velho, e consegui aquilo que sempre tentara, caminhando ao longo da estrada, sem o conseguir — esquecer-me de mim.

Esse homem, quase analfabeto, no meio dos sacos de farinha, fazia da sua vida um motivo de arte. Transmitia alegria a quantos de si se abeiravam.

Pedi informações sobre a minha pessoa, interessou-se pelas minhas actividades, falou-me de si, contou-me a história da velhinha que sentada além guardava a sua ovelha e, creio que amava aquele momento de sol, aquecendo-lhe o velho corpo entorpecido pela idade.

Voltei para casa quase alegre. Todo o tormento se tinha dissipado. E hoje, já não corro ao longo das estradas, nem paro junto ao velho moinho — o meu velho amigo morreu — penso no sol que nesse momento pode aquecer-me a alma, e uma saudade para o bom velhinho que por certo, desconhecia a *dúvida*.

Cumpre-nos registar com verdadeira gratidão as notícias que a cada passo surgem na revista *Poveira* "D. Calino Português" e que se referem à nossa terra e a todo o concelho.

Ao mesmo tempo relevamos a grande consideração demonstrada pelo nosso Jornal através de apelos que nos são dirigidos a bem de Fão. Desvanece-nos o facto de os de fora nos considerarem uma força que mitiga as provas de esquecimento da gente responsável de Fão.

A seguir transcrevemos mais uma local daquela Revista amiga:

Padre Chaves

Assinalamos, aqui, o centenário de Padre Jerónimo Gonçalves Chaves, nascido em Fão a 6 de Março de 1859.

Agora lembramos aos fãozenses, em especial ao quinzenário *O FANGUEIRO*, que na casa em que nasceu Padre Chaves, à rua Serpa Pinto, se coloque uma lápide comemorativa, por mais modesta que seja. Se for preciso "D. Calino" contribuir para a despesa, podem contar connosco.

Essa inauguração poderá ser no dia 20 de Junho próximo, o de Milenário de Fão.

Partida

É já no próximo dia 13 que parte para Paris, a fim de trabalhar na mesma empresa de seu cunhado, o nosso amigo Snr. Mário Ferreira Belo, o nosso conterrâneo e amigo, Snr. Marcos Reis.

É com pena que vemos partir o «Petiz», cantor e fadista com certa áurea na nossa terra, e que com o seu ritmo e entusiasmo animou muitas festas em Fão.

Auguramos a este prezado conterrâneo uma vida próspera e que cedo volte até nós. Boa viagem.

«Villa nuncupata fano»

(Continuação da página 1)

O «Itinerário de Autonino» assim conhecido por ter sido organizado no tempo do imperador de Roma Autonino, o Pio, (163-181) no que, aliás, nem todos os autores estão de acordo e um guia ou roteiro das principais estradas romanas, as «viae militares», estradas militares, e, como estas, destinadas em primeiro lugar, ao serviço do exército e da posta oficial. Não era, porém, um simples rol ou catálogo dessas estradas, mas, antes, um instrumento regulador da marcha normal das forças armadas que as tinham de percorrer. Prescrevia as estações ou mansões (postos de etapas) onde findo o percurso diário, a etapa, as tropas deveriam passar a noite e os elementos isolados encontrariam abrigo. Estas estações eram estabelecidas em locais cuidadosamente escolhidos que nem sempre coincidiam com povoações.

O «Itinerário» era uma compilação de itinerários parciais, um para cada província; e estes por tabelas sob um título indicando o ponto de partida e o de chegada e a distância entre eles; seguia-se a relação das estações sucessivas, com a distância de cada uma delas à anterior.

As distâncias eram expressas em milhas romanas: cada milha tinha mil passos, correspondendo aproximadamente, a 1481 metros; porém, quando forçadamente ou por conveniência, havia necessidade de intercalar um percurso marítimo para estabelecer a continuidade do itinerário a seguir, como no caso da travessia do «Fretum Gallium» (estreito de Calais) que separava as «viae militares» da «Galia» (França) das da «Britannia» (Inglaterra), as distâncias a percorrer a bordo de qualquer embarcação, eram calculadas por estima, avaliadas à vista, em estádios, segundo diz Argote (ob. cit.).

O estádio era uma medida itinerária da velha Grécia, correspondendo a 185 metros. O padrão, digamos assim, desta medida era uma certa dimensão de um notável «estádio» (campo de jogos) grego, d'onde lhe veio o nome.

No «Itinerário» parcial da «Callaecia» (Galiza) há duas tabelas que nos interessam por que são as únicas em que figura o nome de «Águas Celenas». Uma delas, que aparece em primeiro lugar, marca o itinerário a seguir pela estrada militar que, partindo de Braga (sede do governo da província e de «convento jurídico» se dirigia, na direcção geral S-N até «Iria Flávia» (Padrón) onde inflectia para L em direcção a «huco Augusti» (hugo) sede do convento lucence, e daí, rumando para S.-E. ia até «Astúrica» (Astorga), igualmente sede do convento jurídico.

Um circuito ligando as sedes dos 3 conventos jurídicos da «Callaecia» era fechado por duas estradas de Astorga a Braga.

Esta tabela é a que, a seguir se transcreve de Pinho Leal (Portugal Antigo e Moderno — 3.º v.)

ITINERA

Item (Iter) a	Bracara Asluricam	CCXCVIII
Hímia	mpm	XVIII
Tude	mpm	XXIII
Burbido	mpm	XVI
Turoqua	mpm	XVI
Aquis Celenis	mpm	XXIII
Pria (ou Iria?)	mpm	XII
Asseconia	mpm	XXIII
Brevis	mpm	XII
Marciae	mpm	XX
Huco Augusti	mpm	XIII
Timalino	mpm	XXII
Ponte Neviae	mpm	XII
Uttaris	mpm	XX
Bergido	mpm	XVI
Interamnio Plavio	mpm	XX
Asturica	mpm	XXX

Por esta tabela ficamos sabendo que a estação de Águas Celenas ficava a 99 milhas romanas de distância (ou seja à volta de 147 quilómetros) de Braga.

O nome desta estação derivou do de umas nascentes de águas termais, existentes nas proximidades, e as quais os romanos chamavam «Aquaes Celenae» — análogamente a Aquaes Flavia (Chaves), Aquaes Caladae (Vichy), Aquaes Sextiae (Aix), Aquaes Tarbellicae (Dax), etc. — Junto dessas nascentes haveria já, ou veio a formar-se, uma povoação, Águas Celenas, de certa importância que, diz-se, chegou a ter bispo durante algum tempo.

Mais tarde, fixado de vez o cristianismo, derrubados os templos gentílicos, foram-se mudando ou «baptizando» os topónimos eivados de paganismo para se esquecerem, tanto quanto possível, as recordações dos velhos deuses e costumes pagãos; e assim, Águas Celenas mudou o nome para Caldas de Reyes, que ainda hoje se mantém e é o de uma estância termal com hotel e balneário, de cerca de 1.500 habitantes, situada na margem direita dum pequeno rio, Humia, não muito distante da sua foz.

Não resta, pois, qualquer dúvida de que esta Águas Celenas — Caldas de Reyes, nada tem que ver com a nossa «villa nuncupata fano».

(Continua)

QUADRO VIVO

(Continuação da página 2)

As suas feições são de uma pureza absoluta, os olhos azuis são duma limpidez inacreditável. A sua voz de timbre musical mais parece uma cascata de água cristalina cuja boca carnuda larga gargalhadas como catadupas irresistíveis.

Ele nada tem digno que se descreva, ou melhor dizendo tem, mas nada de belo... Encarna o espinho que se conserva disfarçado na folhagem duma argumentação escolhida para o momento. Os seus olhos parecem carvões acesos, o seu peito arfando faz um ruído estranho, treme e ri como um demónio. Ela olha-o embevecida e talvez o ache belo, mas eu não porque lhe adivinhei as intenções e não tarda que ele estrague o meu belo quadro. Vai cair no ridículo da vulgaridade, ela ainda não se apercebeu porque é uma flor imaculada e os seus olhos nada vêem. Ele agora procura-lhe a boca com gestos felinos, as suas mãos parecem vai e vens... Procura deitá-la e ela vai fazê-lo, ele vai...

Não... Não... Larga-a canalha infame, ela é uma impune inocente, não sabe o que tu queres...

Mas afinal o que é isto?!... Estou sentado à mesa do café e todos os circunstantes olham para mim espantados. O açucareiro entornado na mesa indica que houve violência da minha parte, o empregado olha-me atônito, quase assustado.

O vendedor ambulante pergunta-me com ar de enfado, de quem já perguntou muitas vezes a mesma coisa: «Mas afinal quer o senhor comprar o quadro ou não?»

Só agora compreendo porque vivi este quadro.

Olho em frente e vejo uma densa nuvem de fumo de cigarro, sinto à minha volta um cheiro a pano húmido, olho a rua e vejo a chuva que bate impiedosamente nas vidraças, pessoas que passam correndo cumprindo os seus deveres.

Agora vejo que esta é a verdadeira raposódia da vida, do dia a dia; o resto é irreal e fictício, apenas existindo nos quadros pintados por imaginações repletas de romantismo, como este que eu tinha em cima da minha mesa de café.

Desastres

Por se ter partido uma manga de eixo, foi de encontro a um muro, pertencente ao Snr. Adelino Saraiva, o tractor do Grémio da Lavoura. Felizmente não se registaram desastres pessoais.

Chegadas

De Angola, onde se encontrava há anos, regressou a Snr.ª D. Adelaide Carvalho da Venda, em companhia de seu marido e filha.

Reunião Ordinária da Câmara

DE 21 DE ABRIL DE 1959

VEREADORES:

OFÍCIOS:

1.º — Do Engenheiro Director da Urbanização do Distrito de Braga

Comunica que por despacho de Sua Excelência o Subsecretário de Estado das Obras Públicas foi participada em 15.800\$00, pelo Fundo do Desemprego, a obra de: «Construção de instalações sanitárias públicas, em Esposende», com a condição de as obras estarem concluídas até 30 de Abril de 1960. Envia o orçamento que serviu de base para a concessão da participação, bem como as respectivas peças desenhadas, e toma a liberdade de recomendar o início das obras no mais breve espaço de tempo, depois de cumpridas as formalidades de adjudicação.

A Câmara delibera colher propostas a três empreiteiros.

2.º — Do Governo Civil do Distrito de Braga

Remete o Plano definitivo de Melhoramentos Urbanos para o corrente ano que substitui o enviado em 25 de Setembro do ano findo e solicita que seja dado conhecimento às entidades interessadas, chamando-lhes a atenção para as instruções publicadas no «Diário do Governo» n.º 3, I Série, de 4-1-57 e II Série, de 30-10-57.

Inteirada

3.º — Do Chefe da Repartição Administrativa dos Cofres do Ministério da Justiça de Lisboa

Comunica que Sua Excelência o Ministro da Justiça concordou com a uniformização das rendas das casas dos magistrados construídas com subsídios concedidos pelo seu Ministério, conforme o mapa enviado junto, e segundo o qual o Juiz que vier a habitar essas casas ficará a pagar a renda mensal de 450\$00 e o Delegado do Procurador da República, a renda mensal de 250\$00. Deste modo solicita que seja enviada àquela Repartição, a fim de ser instruído o respectivo processo, uma certidão de parte da acta que contenha a deliberação de concordância desta Câmara.

A Câmara delibera concordar com as rendas mensais fixadas pelo Ministério da Justiça.

4.º — Do Inspector Geral de Finanças

Envia a cópia do relatório da 8.ª visita de inspecção aos serviços de contabilidade, orçamento e tesouraria desta Câmara, a que procedeu o subinspector Snr. António Alberto Lopes de Oleastro, bem como do parecer daquela Inspecção Geral.

A Câmara delibera, por unanimidade, ao tomar conhecimento do relatório dos serviços de inspecção de finanças, louvar o Chefe da Secretaria e o Tesoureiro desta Câmara, Snrs. Joaquim Correia de Macedo e Francisco Hilário Barbosa de Melo, pela maneira inteligente, dedicada e eficiente como se têm desempenhado das suas funções, colaborando intimamente com a Câmara no alto objectivo de servir, o melhor possível, os interesses do concelho de Esposende.

Requerimentos

1.º — De Manuel da Cruz Caseiro, da freguesia de Antas.

Pede licença para construir uma casa, de harmonia com o projecto junto, no lugar de Guilheta, da mesma freguesia. Tem parecer favorável da Fiscalização de Obras e o Ex.º Subdelegado de Saúde informa que não há inconveniente desde que o requerente não destine o rés-do-chão para estábulos.

Deferido, nos termos da informação

2.º — De José Alves Vilas Boas, da freguesia de Gandra

Pede licença para construir uma casa, de harmonia com o projecto junto, no lugar de Igreja, da mesma freguesia. Tem parecer favorável da Fiscalização de Obras e o Ex.º Subdelegado de Saúde informa que não há inconveniente desde que o requerente não destine o rés-do-chão para estábulos.

Deferido, nos termos da informação

3.º — De Saul Francisco da Igreja, da freguesia de Apúlia

Pede licença para construir um muro de vedação, no lugar de Igreja, da mesma freguesia, e ocupar ainda 2 m² de via pública com depósito de materiais. Tem parecer favorável da Fiscalização de Obras e da Junta de Freguesia.

Deferido

4.º — De Anselmo Pereira, da freguesia de Belinho

Pede licença para construir uma chaminé, no lugar de Outeiro, da mesma freguesia. A Fiscalização de Obras informa favoravelmente.

Deferido

5.º — De Ramiro Afonso da Silva, da freguesia de Vila Chã

Pede licença para construir um coberto de eira e uma pa-

rede, no lugar de Sobreiro, da mesma freguesia. Tem parecer favorável da Fiscalização de Obras.

Deferido

6.º — De Américo de Lemos Fernandes, da freguesia de Vila Chã

Pede licença para reconstruir um muro de vedação, no lugar de Sobreiro, da mesma freguesia. Tem parecer favorável da Fiscalização de Obras.

Deferido

7.º — De Manuel da Cruz Lima, da freguesia de Forjães

Pede licença para reconstruir a chaminé e cair a sua casa, no lugar de Santa, da mesma freguesia. A Fiscalização de Obras informa favoravelmente.

Deferido

8.º — De Maria da Conceição Brás, da freguesia de Marinhas

Pede licença para reconstruir a chaminé, reparar o telhado e soalhar a casa, no lugar de Rio de Moinhos, da mesma freguesia. A Fiscalização de Obras informa favoravelmente.

Deferido

9.º — De José Afonso Ribeiro, da freguesia de Forjães

Pede licença para reconstruir um muro, no lugar de Monte do Branco, da mesma freguesia. A Fiscalização de Obras informa favoravelmente.

Deferido

10.º — De Emília da Costa Ribeiro, da freguesia de Forjães

Pede licença para reparar algumas divisões e a cobertura de sua casa, no lugar de Igreja, da mesma freguesia. Tem parecer favorável da Fiscalização de Obras.

Deferido

11.º — De Joaquim Martins Andrade, da freguesia de Rio Tinto

Pede licença para reparar os telhados e cair a sua casa, no lugar de Igreja, da mesma freguesia. Tem parecer favorável da Fiscalização de Obras.

Deferido

12.º — De Manuel Gonçalves Martins, da freguesia de Apúlia

Pede licença para reparar a cobertura e ampliar um coberto da eira, no lugar de Criaz, da mesma freguesia. Tem parecer favorável da Fiscalização de Obras e da Junta de Freguesia.

Deferido

13.º — De Adelino Miranda do Vale, da freguesia de Fão

Pede licença para cimentar o piso, rebocar e cair interiormente um compartimento do rés-do-chão de sua casa, na Rua de Damão, da mesma freguesia. Tem parecer favorável da Fiscalização de Obras.

Deferido

14.º — De António Fernandes Ribeiro, da freguesia de Marinhas

Pede licença para mudar uma servidão de carro, no lugar de Goios, da mesma freguesia. A Fiscalização de Obras informa favoravelmente.

Deferido

15.º — De Adelino Miranda do Vale, da freguesia de Fão

Pede lhe seja concedida a vistoria, ao seu estabelecimento de Taberna, sito na Rua Conde de Castro, da mesma freguesia. As taxas de vistoria encontram-se pagas.

Lido

16.º — De Manuel Alves da Lomba, da freguesia de Gemeses

Pede lhe seja concedida licença de funcionamento de um alto falante nos dias 26 e 27 do corrente, no lugar do Calvário, da mesma freguesia. Está junto informação do Rev. Pároco e regedor da freguesia, segundo a qual nada têm a opôr, desde que o requerente cumpra os compromissos assumidos, isto é, evitar que o alto falante sirva para fins ofensivos ou deseducativos, suspender as emissões durante os actos do culto na Igreja e suspender definitivamente as mesmas emissões às 22 horas de sábado e domingo.

Deferido, nos termos da informação

17.º — De Manuel Dias Hipólito, da freguesia de Apúlia

Pede licença para proceder às obras de conclusão autorizadas pela licença n.º 384, de 29 de Setembro do ano findo, as quais constam da construção das divisões interiores, rebocar e cair uma casa, no lugar de Areia, da mesma freguesia. Tem parecer favorável da Fiscalização de Obras.

Deferido

Processos de Internamento de doentes

Foram presentes os processos de internamento dos doentes: Elvira Cardoso Torres e Miquelina Alves Dias, ambos da freguesia de Apúlia; Maria do Sameiro Barros Lima, Lucinda Azevedo Carneiro e Francisco Gonçalves Neto, todos de Es-

História Lendária Peninsular

(Continuação da página 6)

Estamos agora no reinado de Hispalo, novo rei da Península (o sexto foi Beto, sétimo Gerião e o oitavo, os três filhos de Gerião ou seja os Lomínios). Hispalo governou pouco tempo. Sucedeu-lhe Hispano — décimo rei da Península.

A lenda diz que este rei foi o construtor do cano de Segóvia e da Torre de Corunha onde havia um espelho encantado e um candieiro (farol) que ardera milhões de anos sem nunca se apagar, alimentado por sebo de homens.

(Continua)

Falecimentos

No dia 24, faleceu em Fão, a Snr.ª D. Albertina Fernandes Mendes Clarinha, com a propecta idade de 87 anos.

Era uma das senhoras mais idosas da nossa terra. Simpática, sempre bem disposta, era uma velhinha extremamente popular, pois todos a estimavam deveras.

Por muitos anos fabricou, de parceria com sua prima Rosália, os célebres pastéis, Clarinhas de Fão, que muito contribuíram para dar fama e nome à terra fangueira.

Foram inúmeras as pessoas que se incorporaram no enterro.

Era tia do Snr. Celestino Fernandes Mendes, casado com a Snr.ª D. Maria da Conceição Peixoto Mendes, proprietários da Pensão Guimarães; prima das Sr.ªs D. Clara Fernandes Mendes e D. Rosália Fernandes Mendes, proprietária da Pastelaria Clarinha.

— Vitimada por doença que não perdoa, faleceu em Fão, a Snr.ª D. Júlia Alves.

A saudosa extinta, de 73 anos de idade, era mãe do nosso amigo e assinante Snr. Manuel Alves Fonseca, residente no Rio de Janeiro; irmã da Snr.ª D. Ana Olímpia Alves Ferreira e tia do Snr. António Lauro Alves Ferreira.

As famílias enlutadas apresentam *O Fanguero* sentidas condolências.

Leia, assine e divulgue

O Fanguero

posende; Belmira Martins Miranda, Júlia Fernandes Alves e Ana Alves Ramires, todos da freguesia de Fão; Hilário Alves Ribeiro, da freguesia de Forjães; António Alves Baptista, da freguesia de Gemeses; Osmarina Dias, da freguesia de Mar; Maria Prazeres dos Anjos de Sá, da freguesia de Palmeira; Maria da Conceição da Silva Branco, da freguesia de Vila Chã; e Deolinda Gonçalves Poças, da cidade do Porto. Têm junto parecer da Comissão Municipal de Assistência segundo o qual os doentes devem ser inscritos no escalão A.

Deferidos

Foi ainda presente o processo de internamento da doente Maria de Sousa Migueis, desta vila que, segundo parecer da Comissão Municipal de Assistência deve ser indeferido, porquanto no seu agregado familiar há pessoas com meios e legalmente responsáveis pelo seu tratamento.

Indeferido

DE APÚLIA

Proseguiremos na apreciação dos problemas locais, sem distinção deste ou daquele lugar, mas sim desta freguesia.

O lugar da Areia que, por si só, tem quase metade da população desta freguesia não conta ainda, salvo uma pequena sala instalada na Casa do Povo, com um salão oficial verdadeiramente condigno, onde se possam instalar tantas e tantas crianças em idade escolar. Sabemos que em virtude da muita frequência das escolas primárias locais, têm sido obrigadas pelas forças das circunstâncias a matriculem-se nas Escolas de Criaz, que devem ficar distantes uns três quilómetros.

É certo que antigamente dava-se o inverso, pois no lugar de Criaz não havia a quarta classe, e portanto a maior parte não fazia mais do que a terceira; mas os tempos eram outros. Mas, de qualquer maneira, se pensarmos bem no assunto, não podemos deixar de salientar que para as mencionadas crianças e para todos aqueles que têm influência na educação das mesmas, tem vários inconvenientes. Imagine-se uma criança de tenra idade que tenha de percorrer por cada viagem três quilómetros num dia chuvoso: ou falta, ou se vai arrisca-se a chegar à respectiva escola encharcada e, claro, sujeita a contrair uma doença.

O caso do lugar da Areia é um problema de capital importância, que deve merecer a melhor atenção e que, esperamos, será brevemente solucionado.

Doentes

Devido à chamada «Gripe australiana» ou «Gripe Azul», encontram-se ainda muitas pessoas doentes, acontecendo até que, em algumas casas, se encontram famílias inteiras de cama.

— Encontra-se enferma, guardando o leito a Senhora D. Rosália Salgado Torres, dedicada esposa do nosso amigo Snr. Albino Torres, proprietário da Fábrica S. José.

— Também se encontra doente a Snr.ª D. Lúcia Brandão de Faria.

— Em Esposende, encontra-se há já vários dias de cama, o menino Alvaro Vasconcelos Valentim, filho do nosso amigo Snr. Alvaro Valentim, comerciante de carnes em Fão.

A todos os doentes augura *O Fanguero* rápidas melhoras.

Cinemas

HOJE

GARRETT

O Vingador sem piedade com Gregory Peck—17 anos.

PÓVOA-CINE

A Princesa e o seu capitão com Ingrid Andreu—17 anos.

Aniversários

Comemora hoje, o seu aniversário natalício, o nosso ilustre colaborador e particular amigo Snr. Coronel Dr. João Rodrigues Baptista. Em tão festiva data, enviamos ao denodado bairrista as nossas efusivas saudações, fazendo votos para que esta data se repita por muitos anos.

Fizeram anos:

ABRIL

Dia 19 — D. Maria de Loudes Devesas de Sá Pereira.

MAIO

Dia 2 — D. Maria de Lourdes de Jesus Carlos, Manuel Carlos e Joaquim Palmeiro Carlos.

Fazem anos:

Dia 10 — D. Esperança Cubelo Arantes e João Maria Ferreira Ribeiro.

Dia 11 — Dr. Cândido Alves Hipólito Reis.

Dia 12 — António Rodrigues Caseiro.

Dia 13 — D. Maria Adelaide Cardoso da Silva.

Dia 14 — Crespiano Gonçalves Caseiro

Dia 16 — D. Deolinda Mendes Barreiro.

Dia 17 — D. Ana Pedrosa Viana.

Dia 18 — Manuel Ramos Ferreira.

Dia 20 — D. Laurentina Gonçalves Carneiro Fernandes e D. Laura Fernandes Gaifém.

Dia 23 — D. Maria de La Salette Pereira Portela.

Vendem-se

Duas casas, uma térrea e outra torre, electrificadas, na Rua Serpa Pinto, 101, em Fão, com quintal que cobre uma área de 2.000 metros, todo coberto a vinha, com grande pomar e algum brávio.

Motivo retirada para o Brasil. Ver a qualquer hora.

DA MARGEM DIREITA

Porto de Gonduffi—elo de uma estrada nacional

Pelo Dr. E. R.

DA última vez identificamos o Porto de Gonduffi dos textos medievais. Fizemo-lo na Barca do Lago e atribuímos-lhe o seu verdadeiro valor: ponto de passagem do rio Cávado numa estrada litoral.

Era costume dar o nome de portos às muitas estradas marginais dos rios. Gonzaga de Azevedo considera natural que esse facto seja « manifestação duma tradição e costume antigo ». Daí designações como: Porto Manso, Porto de Mar, Porto de Martim, Porto de Ave, Portucale e tantas outras, vulgares no toponímio português.

Parece, pois, incontroverso que Porto de Gonduffi era só um ponto de passagem. Os barcos empregados no serviço de travessia do rio, aguardavam e encostavam facilitando o embarque e o desembarque de pessoas e mercadorias dentro do porto, isto é, na passagem. Só assim seria possível o movimento de travessia fluvial.

Esse posto foi um valioso elo de uma estrada que representou poderosa força nacional. Serviu de caminho para Santiago, verdadeira estrada de fé. Representou na economia concelhia um peso vivo.

Mas qual o percurso dessa estrada litoral que em Porto de Gonduffi vencia o Cávado? Eis o que vamos tentar. E se da nossa construção algo se aproveitar, não foi vã a tentativa.

Transporto o rio Douro em PORTUCALE, um em cada margem (A. de Sousa Machado in « Origens do Porto »), a estrada passaria em Azurara, talvez pelo lugar do Padrão. Chegada ao rio Ave, atravessá-lo-ia em PORTO DE AVE. Em cada margem se encontram nítidos os pontos da passagem. Entre eles funcionava uma barca de passagem (J. A. Vieira in « Minho Pitoresco »). Depois do Ave, aproximar-se-ia a estrada do monte de Laundos (com a designação de « estrada real da Barca do Lago » conhecemos um documento que diz respeito a Laundos e onde certos prédios confinam com a dita estrada). Daí viria por Crlaz e Fonteboa. Nesta freguesia é fácil seguir-lhe o traçado: Agcra, Cruz e Lapela. Aqui venceria o Cávado em PORTO DE GONDUFFI, designação que corresponde aos dois pontos de travessia. A ligação entre eles era directa. Colocados um em frente do outro, o percurso através do rio era o mais curto possível, como ainda agora se pode verificar.

Atravessado o Cávado, seguiria por Palmeira do Faro, Palme (dois nomes que já se explicaram aqui) e Fragoso. Quer dizer: a estrada flectia para nascente, afastando-se um pouco do litoral. Em Fragoso atravessaria o rio Neiva numa ponte que ainda hoje podemos admirar nos seus dois elegantes arcos. E a estrada continuava em direcção do rio Lima que atravessaria em BARCA DO PORTO. Os dois lugares assim designados ainda hoje exercem a função de atravessadouro do Lima. Caminhando sempre para norte, chegava ao rio Minho que venceria em Caminha. Em frente a esta vila ainda hoje fica o lugar de LA PASAGE e ainda hoje entre os dois pontos se faz o tráfego de passageiros. Daí a estrada passaria os estuários das rias galegas, PONTESAMPAYO, PONTEVEDRA, PADRÓN e finalmente chegava a Santiago de Compostela.

Do Cávado para o norte, essa via ainda agora efectivamente existe. O traçado é o mesmo, só com nítida modernização. Embora a sua importância seja mínima, ela tem origem na Barca do Lago. Para o sul do Cávado, a continuação lógica da estrada é através de Fonteboa e pelos pontos já referidos. A pessoa desta freguesia se ouve falar na estrada real da Barca do Lago, e as mais velhas indicam perfeitamente por onde outrora teria seguido essa estrada que levaria ao Cávado.

Esposende, 6 de Maio de 1959.

A Fotografia

«INERTE E INEXPRESSIVA?»

Por A. SOUCASAUX

TRADUZO, um tanto livremente, o que escreveu C. Barberan sobre Fotografia e Fotógrafos para justificar, quanto possível para mim, se é «Arte inexpressiva e inerte», como li...

«Há uma espécie de indiferença perante a Fotografia, quando, aliás, ela se nos apresenta unguida dos mais altos valores artísticos.

Se, na actualidade, tivermos de buscar as inquietudes e os problemas que afectam os países, temos que recorrer a ela.

A visão das paisagens, dos costumes, gira em nossos dias à volta, melhor, à desorbitação realista e, assim, penetra no fundo do espírito dos lugares e das gentes.

Parece um paradoxo pensar que, nascendo para ser escrava do real, os seus verdadeiros intérpretes pouca importância ligam rigorosamente a tal requisito.

O meio mecânico é enobrecido pela sensibilidade do Artista, que procura mostrar-nos o que tem relevo, espírito e beleza.

Dá conta, como acontece com a aplicação das cores, da gradação de gamas nos volumes e qualidades entre o branco e o negro, com crepúsculos luminosos que, devidamente aproveitados, evidenciam Arte idêntica à de um bom quadro!

E tudo um encadeamento de luz ao serviço da beleza, como qualquer outro.»

Isto é o conceituoso pensar de quem sabe, condenando o erro de tão injustamente se considerar a Fotografia «Arte inerte e inexpressiva.»

O Padre Agostinho de Montefeltro, no seu lindo sermão *A Espiritualidade da Alma*, disse que «se fosse só a verdade, o Fotógrafo seria o rei dos Artistas.» Mas ele não lhe negou as boas qualidades; as supremas. Sabemos que há Arte precária...

Ramalho frisou «que tudo neste Mundo é produto da Arte, aquilo que não é produto da Natureza.»

Donatelo insculpiu um Crucificado com demasiada observação do corpo humano. Um Génio, seu contemporâneo, obtemperou-lhe: «Fizeste um Homem, mas não um Deus!»

(Continua no próximo número)

Quadro Vivo

Por ANTÓNIO RODRIGUES LEITE

OUÇO uma música muito ao longe, e sinto uma leve brisa brincar com os cabelos na minha frente. A melodia que escuto é uma música muito conhecida porque ilustrou as imagens dum filme cujo entrecho é impregnado de amor, ternura e drama. Ouço-a mas donde vem não sei. Olho em frente e nada de concreto vejo, sem visão definida e apenas vagamente como a esfumar-se distinguo uma tênue claridade com tons do arco-íris mas no qual predomina o verde claro. Agora sim, só agora vejo ao fundo, muito ao fundo, um vasto e lindo campo de erva verdejante havendo nele qualquer coisa que se move, o que é não vejo bem, as suas formas não são precisas porque está muito distante. Talvez seja um elemento que falta neste quadro e que logicamente vem preencher uma vaga cuja falta seria quase irreparável, exactamente, trata-se do que eu previa, um boi negro e pachorrento que se sacia com a verde e fresca relva.

Lá a diante, muito ao longe, vejo uma linha escura e tortuosa que indica o fim deste campo e o princípio de outro.

Uma mancha dum verde mais acentuado, diz-me existir um pinhal que tem ao lado

uma pequenina casa branca de cuja chaminé sai um fiozinho de fumo que se ergue e esforça por chegar ao céu sem o conseguir.

O meu quadro tem agora mais qualquer outra coisa que se move, um ponto quase imperceptível neste paraíso de tranquilidade. O que há-de ser?!... Um par enamorado. O meu quadro visionário ficou tão vulgar e banal que perdeu todo o interesse, já não lhe sinto e vejo a mesma policromia de cores que tinha antes... Mas então que queria eu?!... A vida é isto que vejo no quadro, ele só agora está completo.

O par encaminha-se para onde estou, terei que abandonar este sítio senão ao verem-me retrocedem concerteza, esconder-me-ei numa moita que está perto e escutarei a voz da vida.

Não me posso mover, eles estão apenas a dois passos de mim. Daqui lhes diviso perfeitamente as feições. Ela tem ar de adolescente, com cabelo loiro brilhante que se presta a fazer e a dar às suas interessantes e bem feitas tranças uma maior fulgurância. Veste uma blusa leve com saia plissada.

(Continua na página 5)

História Lendária Peninsular

Por A. FILIPE

2

IBERO teve por sucessor Brigo — quarto rei da Península. Visitando a Lusitânia, foi recebido apoteoticamente pelo povo. Em compensação, a Monarquia suavizou-lhes o modo bárbaro de viver e fundou-lhes várias cidades às quais ligara o seu nome. Entre elas está a velha Conimbriga.

Foi contemporâneo de Arábio, rei da Assíria, um grande maricas que se ilustrou pelas invenções de jóias, braceletes, perfumes, águas para o rosto e mais coisas de que muito se alegraram as mulheres. Nesse tempo constituíram-se em reino as amazonas — moças que se dedicavam à guerra, queimando ou cortando o seio direito para mais facilmente arremessarem as setas. Pelejaram no cerco de Troia.

A Brigo sucedeu Tago — quinto rei da Península. Era tão amigo do rio Tejo que o baptizou com o seu nome (Tejo vem de Tago) e lhe povoou as margens, de cidades; e tão grande virtude ficou a ter o rio que junto das suas margens as éguas concebiam por meio do vento, dando à luz uns potros brancos — chamados filhos do vento — que em ligeireza excediam os próprios ventos.

O sexto rei da Península foi Beto, filho do precedente. Deu o nome à Bética, hoje andaluzia. Foi outro D. Sebastião! Morreu novo e sem filhos, deixando muitas saudades em todo o povo. Com ele termina a idade de ouro.

Fingindo novas cerimónias religiosas, Gerião que há pouco tempo chegara de África e se ocupava na ilha de Eritreia a criar gados, apoderou-se subrepticamente do trono. A princípio, muito popular, funda Girona, ensina o modo de extrair da terra o ouro e outros metais. Mas em breve a máscara se gastou e se viu o tirano que ele era. Então os habitantes da Andaluzia para se desforrarem, pediram socorro a Osiris, rei do Egipto e esposo de Isis o qual andava pelo mundo, com os seus homens de armas, a desagrar os afrontados. Um verdadeiro cavaleiro andante! Pegou na espada e, num instante, Osiris e os seus homens estavam na Península. Travou-se a batalha nas margens do Guadiana. Gerião foi derrotado e morto, e os seus três filhos refugiaram-se na ilha de Eritreia. Mas Osiris perdoou-lhes e constituiu-os Reis da Península, impondo-lhes a eles e aos súbditos a idolatria. Depois retirou-se para a Itália. Foi nesta época aí por 1750 A. C. que se deu aquele dilúvio de que só escaparam Deucalião e Pirra.

Entretanto, forma-se uma conjuração de 26 reis contra a supremacia de Osiris. Tiféu, o maior, irmão de Osiris, é o caudilho. Ao lado de Anteu, gigante que governava a Líbia, conjuram também os três Geriões. E quando Osiris regressa ao Egipto, Tiféu assassina-o traiçoeiramente, retalha-lhe o cadáver em 26 partes, mandando uma parte a cada um dos aliados.

Sabendo isto, Oro Líbico (cognominado o Hércules), enche-se de furor e acorre a vingar a morte de seu pai Osiris. Na Arábia, junto às margens dum rio, derrota o exército de Tiféu e assassina-o. Depois promove a guerra contra os outros tiranos. Avança pelo norte da África e em Tânger vence e mata Anteu cujo túmulo daí a milénio e meio Sertório há-de violar. Em seguida atravessa o Estreito, entra na Península e na Lusitânia encontra os três Geriões desprevenidos. A batalha foi rápida. Os três Geriões são vencidos e mortos.

Mas a vingança ainda não está completa. Oro Líbico faz proclamar rei da Espanha o seu filho Hispalo, apodera-se dos gados dos Geriões e parte para a Itália.

Façamos aqui um esclarecimento. Os poetas latinos falam-nos dum Gerião, gigante de três cabeças a quem Hércules matou e roubou os gados. O «Gerião das três cabeças» são os três filhos de Gerião chamados assim por causa do amor mútuo com que governaram. A história regista-os sob o nome de Lomínios.

(Continua na página 5)